

A potência ambiental da educação

The environmental potency of education

Leandro Belinaso Guimarães¹
Shaula Maíra Vicentini de Sampaio²

O dossiê se propõe a mergulhar no contemporâneo. Para tanto, mostra como práticas em educação ambiental têm se valido de várias linguagens para suas ficções pedagógicas. Nosso desejo foi reunir artigos cuja tessitura argumentativa se compõe com referências advindas de inúmeras instâncias culturais: da educação, da ciência, da poesia, das artes visuais, da fotografia, do rádio, do jornal, da televisão, das conversas cotidianas. Mais do que simples instrumentos de ensino, artefatos culturais, linguagens artísticas, imagens e narrativas são convocados, articulados, examinados, hibridados às práticas para que outras aprendizagens se criem.

Destacar como o ambiental se costura à educação potencializando práticas pedagógicas foi um dos nossos principais interesses. Em tempos de atuação incisiva sobre nós de um “dispositivo da sustentabilidade”, cujas linhas mais evidentes nos convocam a consumir conscientemente, a aderir a práticas empresariais de gestão da vida, a planificar nosso futuro sobre o planeta; queremos gritar em defesa do ambiental, em tomarmos coletivamente e conjuntamente com os não humanos a autoria das narrativas inventivas e libertárias da vida. Essa nos parece ser a potência ambiental da educação: a possibilidade de, juntos, inventarmos outros mundos, outras ecologias, para além daquilo que já estaria pensado para nós.

Convidamos colegas de distintos lugares. Há um texto vindo do México e outro da Inglaterra. São de educadores e artistas que tivemos a oportunidade de conhecer através do último Congresso Mundial de Educação Ambiental ocorrido no Marrocos, norte da África. Outros artigos são provenientes de

¹ Biólogo. Mestre e Doutor em Educação. Professor do Centro das Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

² Bióloga. Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Departamento de Biologia Geral da Universidade Federal Fluminense.

diferentes estados brasileiros: Sergipe, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Paraná e Santa Catarina. Na organização do dossiê, além da preocupação de não centrarmos em um Grupo de Pesquisa ou, então, em uma instituição, recebendo textos de vários lugares, pensamos em três linhas de composição para o dossiê:

- a) Textos que examinam práticas culturais, com destaque para as mídias, tais como televisão e rádio. Nos últimos anos tem obtido visibilidade uma série de pesquisas que mostram como as questões ambientais e a construção de formas de vermos e nos relacionarmos com a natureza estão emaranhadas com os discursos textuais e imagéticos que circulam nos meios de comunicação. Assim, a mídia detém um papel central na disseminação das preocupações com o meio ambiente, mas também na produção e reverberação de múltiplos (e nem sempre convergentes) significados que se aglutinam na composição da(s) natureza(s) na contemporaneidade.

Três dos textos deste dossiê se entretecem mais diretamente a esta primeira linha de composição. O texto de Jéssica Gonçalves de Andrade e de Giovana Scareli, “Consumo em 3 Takes” apresenta análises de um *reality show* totalmente voltado para as questões ambientais, além de refletir sobre a atuação da TV na difusão de lições, nesse caso ambientais, para os espectadores. Em uma abordagem que explicita detalhes da gramática do programa, as autoras discutem o modo como o tema do consumo destacou-se ao longo dos seus episódios, tentando convocar as famílias participantes do *reality* e os seus espectadores a assumirem um posicionamento crítico diante do consumo.

Já o texto de Clara de Carvalho Machado e Marise Basso Amaral – “Um pé de cultura e de milho, angico, mangaba e baobá” traz discussões sobre um programa televisivo que propõe olhares diferentes dos que convencionalmente dirigimos para as plantas, conferindo-lhes um protagonismo não usual e proporcionando um encontro entre conhecimentos populares, científicos, históricos etc. As autoras sinalizam que a nossa sociedade não consegue “enxergar” as plantas e, portanto, não consegue compreender ou valorizar a importância desses seres. Após apresentarem análises de alguns episódios do programa, enfatizam que ele contribui para o estudo da botânica, pois propicia a sua aproximação com a cultura, transformando as plantas em “sujeitos cheios de histórias” (MACHADO; AMARAL, 2014).

Interessante apontar que os programas de TV enfocados nos dois artigos, e que certamente trazem ecos de uma potência ambiental, são produções televisivas que possuem um caráter menos comercial (uma de um canal público e outra de um canal privado, mas inteiramente voltado a questões educativas). O texto “Radionovelas para el cambio social”, de Namir Nava, lida de uma forma distinta com as produções midiáticas, pelo fato de não conter análises de artefatos culturais, mas relatar uma experiência de produção de novelas radiofônicas como estratégia de trabalho comunitário. O autor menciona as balizas teóricas (que combina estudos do campo da comunicação, com teorias da aprendizagem e psicológicas) do método que desenvolve para possibilitar o envolvimento das populações com a resolução de problemas ambientais locais, combinando entretenimento com mobilização social. Também são descritas experiências que foram realizadas em vários países da América do Sul.

- b) A segunda linha de composição que escolhemos para compor este dossiê envolve possibilidades de articulação entre cotidiano(s) e ambiente(s). A proposição de experiências e situações que buscam catalisar uma percepção – um olhar, um gesto, um pensamento, uma escuta – diferenciada para coisas que comumente não são foco da nossa atenção pode ser um outro viés bastante instigante e potente para imaginarmos um encontro do ambiental com a educação. Nessa direção, considera-se potencialmente pedagógico o ordinário, o comum, o banal, tudo aquilo que habita nossa rotina e que não vemos como merecedor de um olhar cuidadoso ou até mesmo afetivo.

O texto “Cidade, lugar do possível: experimentações para um ver a mais”, de Larissa Corrêa Firmino, traz relatos e reflexões sobre os preparativos e o desenvolvimento de oficinas que propunham vivências e produção de imagens no/do espaço urbano de Florianópolis. O propósito das oficinas foi produzir uma outra cartografia – uma mais próxima do cotidiano e vivida pelos sujeitos –, assim como sugerir aos participantes o exercício de olhares outros para a cidade. O texto de Soler Gonzalez e Andreia Teixeira Ramos, intitulado “Educação ambiental autopoietica em redes de conversações na vida cotidiana”, circunscreve possibilidades teóricas para o campo ambiental lidando com conceitos provindos especialmente da obra de Humberto Maturana. A partir disso, os autores apresentam duas pesquisas que se valeram dessa armação conceitual para investigar *saberesfazeres socioambientais*

praticados no cotidiano de comunidades e povoados do Espírito Santo, enfocando aspectos ligados a expressões da cultura popular.

- c) A terceira e última linha de composição percorrida neste dossiê para imaginarmos potências do ambiental na educação sugere uma aproximação da arte, da criação, da invenção nas pesquisas e na escrita. Os textos reunidos nesta linha lançam questões e argumentos que desestabilizam bastante os modos como costumamos imaginar um trabalho de educação ambiental, trazendo possibilidades teórico-metodológicas que deslocam, que surpreendem e provocam um desconforto que consideramos produtivo para o pensar. Quiçá a aproximação das artes, por parte de pesquisadores que têm vinculações com questões ambientais, esteja relacionada, dentre outros fatores, com a intenção de se multiplicar pontos de vista, de se fraturar (e estilhaçar) as verdades únicas nas quais temos dificuldade de acreditar nestes tempos em que vivemos.

Juliana Cristina Pereira e Franciele Favero, no texto “A experiência na paisagem: a vivência estética, o sublime e o menor”, transitam pela história e filosofia da arte buscando entender como a natureza se apresenta nas obras artísticas, principalmente a partir da modernidade (passando pelo romantismo e suas marcas indelévels sobre os modos como conceituamos a natureza). A arte contemporânea, por sua vez, como apontam as autoras, introduz rupturas nestas formas de representar a natureza, borrando a separação entre paisagem natural e urbana, tematizando as velozes transformações na paisagem e ensaiando fabulações, narrativas ficcionais sobre a natureza. É justamente por meio da ficção que Gordon MacLellan convida crianças para fabular e poetizar *na* e *com* natureza, como descreve no texto “A broad, broken bow of a bridge: using classic literature and outdoor sites to inspire poetry with children”. A partir da leitura de um poema medieval (Sir Gawain and the Green Knight) e do desenvolvimento de diversas atividades envolvendo dramatização, desenhos e passeios em uma área preservada na Inglaterra, as crianças protagonizaram a escrita de um poema que foi apresentado uma única vez, embora tenha mobilizado, provavelmente, uma multiplicidade aprendizados nas crianças, nos educadores e nas pessoas que puderam assistir a performance.

“E se fôssemos descendentes das aranhas?” indaga o ensaio escrito por Susana Oliveira Dias e Carolina Cantarino Rodrigues em seu título. Povoado por uma profusão de referências inspiradoras vindas da filosofia, da

antropologia, da literatura, da arte contemporânea, o texto se abre a muitas leituras tal é a inventividade da sua escrita somada à não linearidade de sua organização. Como dizem as autoras, essas referências todas são convocadas para evocar e focar a divulgação científica e as mudanças climáticas, desligando-se de *ecologias já dadas* e – acrescentamos – já gastas. Isso envolve, em suas palavras: “a criação de novos vínculos com o mundo, a criação de possibilidades de crer nesse mundo” (DIAS; RODRIGUES, 2014). Gostaríamos de sublinhar essa frase para concluir a apresentação deste dossiê, pois ela possibilita a apreensão, de maneira precisa, do que entendemos como a potência ambiental da educação: a construção de novas possibilidades de crer no mundo que habitamos, a invenção (urgente) de inéditos e criativos ativismos, a oportunidade de revisitar e ficcionalizar as conceituações de meio ambiente, preenchendo com outros e múltiplos significados as articulações entre educação e ambiente.